

ARTIGO - FLUXO CONTÍNUO

EVANGÉLICOS NAS ELEIÇÕES NACIONAIS DE 2022: UM PÚBLICO EM DISPUTA

Vinicius Saragiotto Magalhães do Valle¹ 

Esther Solano² 

DOI: 10.29327/2282886.9.1-11

Introdução

Na véspera das eleições nacionais brasileiras de 2018, a pesquisa de intenção de voto do Instituto Datafolha indicava a vitória do candidato Jair Bolsonaro, então filiado no Partido Social Liberal (PSL), por 56% dos votos, contra 44% dos votos do candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Fernando Haddad³. Dentre os dados que podemos considerar mais significativos do levantamento, está o da intenção de voto do segmento evangélico: 69% deste agrupamento religioso manifestou a preferência eleitoral por Bolsonaro, ante 31% em Haddad. A título de comparação, entre católicos, 51% indicaram o voto em Bolsonaro e 49% em Haddad. Tamanha diferença entre evangélicos e membros de outros segmentos religiosos em relação à preferência por Bolsonaro fez com que o demógrafo José Eustáquio Diniz apontasse que foi o voto evangélico que garantiu a vitória do ex-capitão do exército à presidência do Brasil (Diniz, 2019).

Após sua eleição e ao longo dos quatro anos de seu governo (2019-2022), Bolsonaro incorporou e fortaleceu a relação com líderes e igrejas evangélicas. Essa aproximação envolveu a nomeação de figuras do meio evangélico para postos importante do seu governo. Podemos citar a pastora Damares Alves, da igreja Lagoinha, que se tornou ministra do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (2019 – 2022), e Milton Ribeiro, um presbiteriano, como ministro da Educação (2020-2022). Damares destacou-se por trazer uma agenda de direitos humanos centrada na família heteronormativa e na proibição do aborto. Ribeiro, por sua vez, propagou a ideia de

¹ Doutor e Mestre em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP). Graduado em Ciências Sociais pela mesma Universidade (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP). Professor na Faculdade Santa Marcelina e no Instituto Europeu de Design (IED). Fundador e Vice-Presidente do Instituto Observatório Evangélico. Tem experiência e interesse nas áreas de Comportamento Político e Eleitoral, Voto Religioso, Cultura Política, Pentecostalismo, Metodologias Qualitativas, Etnografia e Métodos Mistas em Ciências Sociais, Relações entre Arte e Política. Em 2020, tornou-se pai do Martin e, em 2022, da Elis, praticando uma paternidade ativa desde então. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5297827831358167>. E-mail: vinicius126@gmail.com.

² Doutora e Mestre em Ciências Sociais - Universidad Complutense de Madrid (2011 e 2009, respectivamente). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal de São Paulo no curso de Relações Internacionais, professora e da Pós-graduação América Latina e a União Europeia: uma cooperación estratégica, Instituto Universitario de Investigación en Estudios Latinoamericanos (IELAT), Universidad de Alcalá de Henares. Tem experiência na área de Sociologia, com o tema principal de sociologia política. Conselheira do Instituto Vladimir Herzog. Columnista da Carta Capital. E-mail: profesthersolano@gmail.com.

³ Ver Datafolha: Eleições 2018. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/10/26/3416374d208f7def05d1476d05ede73e.pdf>. Acesso em: 22 de outubro de 2024.

doutrinação esquerdistas nas escolas e se envolveu em escândalos de corrupção que priorizavam pedidos de verba intermediados por pastores. Além disso, Bolsonaro nomeou André Mendonça, um "terrivelmente evangélico", segundo suas palavras, para o Superior Tribunal Federal (STF), em 2021; perdoou dívidas de igrejas e aumentou a isenção de impostos para salários de pastores. No plano simbólico, Bolsonaro e sua família incorporaram o discurso da moralidade religiosa, principalmente contrapondo-a aos movimentos feminista e LGBTQIA+. Como consequência, Bolsonaro ganhou o apoio e o empenho de várias igrejas para sua reeleição. Segundo pesquisa do Instituto Datafolha, realizada na véspera do segundo turno de 2022, Bolsonaro, agora do Partido Liberal (PL), obteve o mesmo índice de votos de quatro anos antes entre os evangélicos: 69% indicavam que votariam em Bolsonaro, enquanto 31% indicavam que votariam em Luiz Inácio Lula da Silva (PT)⁴.

A continuidade nos índices de intenções de voto, bem como a aproximação entre Bolsonaro e líderes evangélicos ao longo do seu governo, e o próprio histórico de votação desse segmento em candidatos de direita, ajudaram a construir a leitura de que os evangélicos constituiriam uma parte sedimentada da base social bolsonarista. Ao contrário dessa tese, os resultados expostos neste trabalho apontam evidências de uma hipótese oposta. Os dados coletados apontam que evangélicos mantiveram uma postura de desconfiança e afastamento em relação à figura de Bolsonaro e seu governo ao longo de toda campanha de 2022, cogitando, inclusive, o voto em diferentes candidatos e, até mesmo, em Lula. Nesse sentido, sugerimos que a votação do segmento evangélico em Jair Bolsonaro foi mais uma reação à conjuntura eleitoral do que uma sinalização de acordo com as pautas bolsonaristas ou a pessoa de Bolsonaro.

1. Aspectos metodológicos

Neste artigo, apresentamos uma análise do público evangélico durante a campanha eleitoral e as eleições de 2022 no Brasil. A reflexão parte do resultado de um conjunto de 34 grupos focais realizados em momentos distintos da corrida eleitoral, entre junho e outubro do ano mencionado.

Morgan (1997) caracteriza grupos focais como uma técnica de pesquisa que coleta dados através das interações grupais ao debater um tópico específico proposto pelo pesquisador. Essa técnica se encontra em um ponto intermediário entre a observação participante e as entrevistas em profundidade – mas essas, feitas em um grupo de pessoas. De acordo com Veiga e Gondim (2001), os grupos focais são considerados um método valioso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais dentro de grupos humanos. A interação dinâmica entre os participantes permite que eles expressem suas opiniões e considerem as dos demais, oferecendo uma visão mais detalhada e contextualizada das dinâmicas sociais. Assim, os grupos focais não apenas coletam dados, mas também revelam

⁴ Ver: Datafolha, eleições 2022. Disponível em: <https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2022/10/31/intencao-de-voto-presidente-2-turno.pdf>. Acessado em 18 de outubro de 2024.



3 VALLE; SOLANO

como essas percepções e atitudes são moldadas e influenciadas pelas interações sociais no grupo.

O uso de grupos focais nas ciências sociais e, especificamente, para pesquisa de opinião pública acontece há décadas (Morgan, 1997; Gondim, 2002). No plano das eleições, além dos grupos focais serem utilizados para entender características do eleitorado e sua relação com candidatos, são também utilizados para testes de marketing político (Veiga & Gondim, 2001).

Na bibliografia sobre grupos focais⁵, costuma-se recomendar um número de 8 a 10 participantes por grupo. Esse número se justifica pela necessidade de captar diferentes posicionamentos dentro do grupo, garantindo que o pesquisador consiga mediar a conversa, que geralmente dura de uma a duas horas. Optamos por fazer adaptações a essas métricas para possibilitar um maior aprofundamento nas visões de mundo dos participantes, no mapeamento e na discussão das questões importantes para eles. Considerando o contexto de polarização política nas eleições brasileiras, ajustamos o formato para criar um ambiente no qual os participantes se sentissem mais seguros e estimulados a expressar suas opiniões.

Ao todo, foram 34 minigrupos focais, realizados virtualmente entre junho e setembro de 2022, em formato de tríade, ou seja, com três participantes, totalizando um total de 102 pessoas. Cada minigrupo teve duração de até 2h30min. As tarefas de elaboração de perguntas, moderação, transcrição e análise dos resultados foram realizadas pelos próprios pesquisadores, sem terceirização. Com essa metodologia, mais artesanal e aprofundada do que o grupo focal tradicional, pretendeu-se detalhar as questões afetivas, simbólicas e biográficas que serviram de fundamentos para as convicções político-eleitorais dos entrevistados e desvendar os aparentes paradoxos que em pesquisas qualitativas tradicionais não podem ser entendidos na sua amplitude.

Em termos de perfil, os participantes dos grupos pertenciam à classificação de classe C e D de diferentes denominações, tanto pentecostais – incluindo neopentecostais – quanto históricas. As tríades foram realizadas em todas as regiões do Brasil, abrangendo diversos estados, tanto capitais quanto cidades do interior. Na tabela 1 consta a relação e perfil dos grupos realizados.

Em conjunto, esse perfil reflete a intenção de um número relevante de tríades, a pretensão de cobrir uma parte extensa do território nacional, de considerar a diversidade dos evangélicos brasileiros e, obviamente, a viabilidade de recrutamento. A classificação entre evangélicos históricos e pentecostais segue a marcação utilizada pelo IBGE e os principais institutos de pesquisa. As classes C e D foram escolhidas devido à sua relevância eleitoral e ao fato de representarem o perfil predominante da população evangélica brasileira. A predominância de grupos compostos por mulheres reflete a maior participação feminina nas igrejas. Já a maior concentração de grupos na região Sudeste se justifica tanto por sua importância eleitoral quanto por questões logísticas no recrutamento.

⁵ Ver, por exemplo, Veiga; Gondim, 2001; Morgan, 1997; Gondim, 2002, entre outros.



Quadro de grupos realizados

Tríade	Sexo	Denominação	Estado - Capital/Interior	Região	Faixa Renda
T1	Mulheres	Pentecostais	São Paulo - Capital	Sudeste	CD
T2	Mulheres	Pentecostais	Amazonas - Capital	Norte	CD
T3	Homens	Pentecostais	Rio de Janeiro - Capital	Sudeste	CD
T4	Mulheres	Pentecostais	São Paulo - Capital	Sudeste	CD
T5	Mulheres	Históricas	Minas Gerais - Capital	Sudeste	CD
T6	Homens	Históricas	São Paulo - Capital	Sudeste	CD
T7	Homens	Pentecostais	Goiás - Capital	Centro-Oeste	CD
T8	Mulheres	Pentecostais	Rio Grande do Sul - Capital	Sul	CD
T9	Homens	Pentecostais	Rio de Janeiro - Capital	Sudeste	CD
T10	Mulheres	Históricas	Amazonas - Capital	Norte	CD
T11	Homens	Históricas	Sergipe - Capital	Nordeste	CD
T12	Homens	Pentecostais	Minas Gerais - Capital	Sudeste	CD
T13	Mulheres	Pentecostais	Pará - Interior	Norte	CD
T14	Mulheres	Históricas	São Paulo - Capital	Sudeste	CD
T15	Homens	Mista	Rio de Janeiro - Capital	Sudeste	CD
T16	Mulheres	Históricas	Minas Gerais - Capital	Sudeste	CD
T17	Homens	Pentecostais	Amazonas - Capital	Norte	CD
T18	Homens	Mista	Amazonas - Interior	Norte	CD
T19	Mulheres	Mista	Pará - Capital	Norte	CD
T20	Mulheres	Pentecostais	São Paulo - Capital	Sudeste	CD
T21	Mulheres	Históricas	Nordeste - Interior	Nordeste	CD
T22	Homens	Pentecostais	Pará - Interior	Norte	CD
T23	Mulheres	Pentecostais	Nordeste - Interior	Nordeste	CD
T24	Homens	Pentecostais	Sul - Capitais	Sul	CD
T25	Mulheres	Mista	Sul - Interior	Sul	CD
T26	Homens	Históricas	São Paulo - Interior	Sudeste	CD
T27	Homens	Históricas	Centro-Oeste - Capitais	Centro Oeste	CD



5 VALLE; SOLANO

T28	Mulheres	Mista	São Paulo - Capital	Sudeste	CD
T29	Homens	Pentecostais	São Paulo - Capital	Sudeste	CD
T30	Mulheres	Pentecostais	Sudeste - Interior	Sudeste	CD
T31	Mulheres	Pentecostais	Sudeste - Interior	Sudeste	CD
T32	Mulheres	Pentecostais	Nordeste - Interior	Sudeste	CD
T33	Homens	Mista	Centro Oeste - Capitais	Centro-Oeste	CD
T34	Mulheres	Pentecostais	Nordeste - Capitais	Nordeste	CD

Fonte: elaboração própria

É importante constar que, como ocorre em metodologias qualitativas, esta abordagem não permite generalizações nem projeções quantitativas sobre esse segmento do eleitorado. O objetivo principal dos grupos era compreender a leitura política desse segmento, sua identificação com os candidatos em disputa e suas percepções sobre o mundo, especialmente no contexto político analisado nesta pesquisa. Além desses objetivos, o desenho da pesquisa permitiu explorar pautas específicas que estavam em debate público na época ou que emergiram espontaneamente entre os participantes.

2. Histórico dos evangélicos na política e a tese da base antilulista

Há décadas que a Ciência Política e a Sociologia realizam estudos sobre a influência dos evangélicos na política. Tomando como ponto inicial de nossa revisão o período da Nova República, temos como referência inicial os trabalhos do sociólogo Antônio Pierucci que, analisando a assembleia constituinte, descreve os evangélicos como um grupo ainda pequeno, composto por um número reduzido de parlamentares de esquerda, além de uma fração maior que ele denomina de "nova direita", que se alinha a pautas conservadoras tanto na dimensão econômica quanto na moral (Pierucci, 1989). Pierucci foi o primeiro autor a utilizar a caracterização de "nova direita" para descrever a aliança entre conservadorismo moral e o conservadorismo econômico. Recentemente, analisando o surgimento da direita após os anos 2000 em oposição às gestões federais do PT, Camila Rocha (2021) também caracteriza a nova direita como sendo um grupo que combinaria ideias e valores conservadores no plano moral e o liberalismo radical no plano econômico.

Após a Constituinte, na primeira eleição presidencial da Nova República, em 1989, a militância das lideranças pentecostais foi considerada fundamental para a eleição de Collor, de acordo com Pierucci e Mariano (1992). Os autores destacam o depoimento do pastor José Wellington Bezerra da Costa, figura de destaque no cenário evangélico brasileiro e líder de um



6 VALLE; SOLANO

importante ramo das Assembleias de Deus, que afirmou que "quem elegeu Collor foram os evangélicos" (Pierucci & Mariano, 1993 p. 101).

Seguindo a ordem cronológica, as eleições de 1994 e 1998 apresentaram padrões semelhantes, com Lula, do PT, e Fernando Henrique Cardoso (FHC), do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), como principais candidatos. Na disputa, o segmento evangélico manifestou apoio preponderante ao candidato do PSDB. Essa tendência é retratada por meio de estatísticas eleitorais em estudos realizados por Pierucci e Prandi (1995) para o pleito de 1994, e por Campos (2006) para o pleito de 1998, entre outros autores.

A eleição presidencial de 2002 contou com a presença de um candidato evangélico, Antony Garotinho, do Partido Socialista Brasileiro (PSB), ex-governador do Rio de Janeiro e membro da Igreja Presbiteriana, que tinha uma boa aceitação em diversas denominações evangélicas. Garotinho, além de ser evangélico, trouxe um discurso em que referências à Bíblia e o uso da linguagem religiosa de forma mais ampla foi destacado, gerando inclusive desconforto nos oponentes e na imprensa que cobria as eleições (Buriti, 2006). Segundo Bohn (2004), com base em dados do ESEB, Garotinho obteve uma expressiva votação entre os evangélicos, representando mais de 50% dos votos desse segmento.

Com a vitória de Lula (PT), em 2002, e o início dos governos federais sob o comando do PT, vários parlamentares evangélicos de diferentes denominações estiveram filiados a partidos que compunham a base de sustentação parlamentar do governo. Vale destacar o caso da Igreja Universal do Reino de Deus, que tinha o então Partido Republicano Brasileiro (PRB), agora denominado Republicanos, como seu braço político (Valle, 2018) e manteve uma aliança com o lulismo até meses antes do processo de impeachment de Dilma Rousseff (PT) em 2016. Também é importante mencionar que pastores conservadores como Marco Feliciano, Magno Malta e Paulo Freire Costa fizeram parte da base de governos petistas, e os dois primeiros chegaram a defender o voto em Dilma Rousseff (PT), em 2010.

No entanto, ao longo dos governos petistas, a relação entre o PT e os evangélicos foi se enfraquecendo. Especialmente entre 2010 e 2014, a possibilidade de aliança se deteriorou, levando os principais líderes evangélicos a se afastarem do governo e estabelecerem uma relação de antagonismo central com o PT. O cerne dessa polarização estava relacionado às pautas de costumes, que inspiraram políticas petistas como o Programa Nacional de Direitos Humanos III (PNDH3) e o Projeto de lei da Câmara 122 de 2006 (PLC122/2006), que buscava regulamentar a criminalização da homofobia, além das diretrizes educacionais voltadas para o combate à homofobia nas escolas. Essas pautas geraram um embate entre o PT, os movimentos feministas e LGBTQIA+ e os evangélicos. Em meio a essa discussão, o pastor Marco Feliciano assumiu a presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, causando comoção entre os evangélicos e os movimentos mencionados e intensificando os conflitos (Almeida, 2017; Valle, 2019).

A polarização entre líderes evangélicos e PT, como resultado desses acontecimentos, foi se acentuando e tais pautas passaram a ser associadas por esses líderes religiosos à esquerda



como um todo. Nesse sentido, o campo da esquerda passou a ser caracterizado pelos evangélicos como contrário à família e aos valores cristãos. Como consequência direta desse processo, o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff contou com o apoio de 93% da bancada evangélica.

3. Evangélicos e Bolsonaro

O governo de Jair Bolsonaro, eleito com o lema "Deus, Pátria e Família", contou com o apoio significativo dos principais líderes evangélicos do país. Um dos destaques em sua composição ministerial foi a nomeação de Damares Alves, que assumiu o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, durante os quatro anos de gestão. Ela é filha de um pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular e, portanto, considerada uma "evangélica de berço", com uma trajetória ligada à atuação religiosa. Ela exerceu a função de pastora, inicialmente na própria Igreja Quadrangular e, posteriormente, na Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte (MG). Antes de entrar para a política, atuou como assessora parlamentar e era diretora da Associação Nacional de Juristas Evangélicos (ANAJURE), uma entidade que busca ampliar a influência evangélica no poder judiciário brasileiro.

De acordo com Jacqueline Teixeira e Olívia Barbosa (2022), Damares Alves não seria apenas uma figura excêntrica que desviaria a atenção para outros aspectos do governo Bolsonaro. Pelo contrário, ela seria uma das peças mais importantes dentro da composição governamental, pois sua atuação envolve os evangélicos na disputa pelos marcos dos direitos humanos no país, com uma concepção que coloca a família heteronormativa, a proibição do aborto e os papéis de gênero tradicionais no centro da agenda.

Além de Damares Alves, o evangélico presbiteriano Milton Ribeiro ocupou o Ministério da Educação (MEC) durante o governo Bolsonaro. Durante sua gestão, que ocorreu de julho de 2020 a março de 2022, Ribeiro se tornou porta-voz da teoria de que a educação brasileira seria doutrinária, acusando-a de converter os jovens ao "esquerdismo". Em uma de suas declarações, chegou a afirmar que as universidades incentivavam o "sexo sem limites"⁶. No entanto, a gestão de Ribeiro ficou marcada principalmente pelo escândalo de corrupção em que se envolveu. Ele foi acusado de condicionar o destino de verbas do MEC à intermediação de pastores na transação⁷.

A relação de Milton Ribeiro com pastores ilustra a ampliação do acesso de pastores evangélicos ao poder durante todo o governo Bolsonaro. Em ministérios responsáveis por questões relacionadas aos direitos humanos, direitos das mulheres e educação, foram nomeadas figuras ligadas ao meio evangélico. Além disso, o presidente indicou um membro considerado "terrivelmente evangélico" para o Supremo Tribunal Federal (STF): André Mendonça. O governo

⁶ ESTADÃO. "Novas universidades ensinam sexo sem limites", disse ministro da Educação em 2018. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/educacao/novas-universidades-ensinam-sexo-sem-limites-disse-ministro-da-educacao-em-2018/> . Acesso em: 29 jun. 2023.

⁷ FOLHA DE S.PAULO. "Entenda o caso Milton Ribeiro: os áudios e as suspeitas de interferência de Bolsonaro". Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/entenda-o-caso-milton-ribeiro-os-audios-e-as-suspeitas-de-interferencia-de-bolsonaro.shtml> . Acesso em: 29 jun. 2023.



Bolsonaro também adotou medidas que beneficiaram as igrejas evangélicas, como o perdão da dívida das igrejas⁸ e o aumento da isenção de impostos sobre o salário dos pastores⁹. Essas ações refletem a estreita relação entre o governo Bolsonaro e os líderes evangélicos, que majoritariamente apoiaram sua reeleição. Embora haja diversidade e pluralidade dentro do segmento evangélico, Bolsonaro soube estabelecer uma aproximação com a maior parte das suas lideranças.

Nesse contexto de apoio de grandes igrejas e lideranças evangélicas ao governo de Bolsonaro, a eleição de 2022 contou com uma grande campanha desses atores para a sua reeleição, em muitos casos mostrando lideranças midiáticas com posicionamentos assertivos e radicais (Dos Santos Júnior, 2022). Os fiéis se viram em meio a uma campanha que mobilizou categorias como família e guerra espiritual (Rosas, 2023), e em que tais temas se tornaram ingredientes de campanha eleitoral nos próprios cultos (Valle, 2023). Foi em meio a esse contexto que os grupos focais foram realizados, visando captar o entendimento, as opiniões e reações a esse fenômeno.

4.Resultados dos grupos focais

A dinâmica de minigrupos focais com três participantes ao longo de duas a três horas pôde fazer com que vários assuntos fossem explorados ao longo do período. Para fins de exposição, vamos organizar a análise em tópicos específicos, salientando o que foi comum e/ou significativo nos grupos ao longo do tempo, visando a compreensão tanto do contexto eleitoral quanto das diferentes questões que moldaram o comportamento desse segmento. Junto a cada citação, incluímos o mês em que ocorreu a referida sessão do minigrupo.

Inicialmente, abordaremos como a crise econômica, exacerbada pela pandemia de Covid-19, afetou a visão dos fiéis sobre o governo Bolsonaro. As discussões revelam que a maioria dos entrevistados reconhecia as dificuldades econômicas enfrentadas pelo país, mas divergia quanto à responsabilidade do governo. Enquanto alguns responsabilizavam diretamente Bolsonaro pela crise, outros acreditavam que ele estava fazendo o possível diante de circunstâncias adversas. Essa percepção contrastante foi central para a forma como os eleitores avaliaram as opções disponíveis na eleição.

Em seguida, exploraremos questões relativas ao engajamento das igrejas na campanha bolsonarista e as pautas que conectavam esse eleitorado a Bolsonaro. Como pode ser visto a seguir, um ponto importante foi a forte oposição à politização das igrejas, uma questão que gerou significativa resistência entre os fiéis. Muitos expressaram desconforto com o envolvimento das igrejas na campanha política, argumentando que religião e política deveriam permanecer

⁸ VALOR ECONÔMICO. "Em aceno a evangélicos, governo avalia perdoar R\$ 14 bi em dívidas de igrejas". Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/03/17/em-aceno-a-evangelicos-governo-avalia-perdoar-r-14-bi-em-divididas-de-igrejas.ghtml>. Acesso em: 29 jun. 2023.

⁹ PODER360. "Governo amplia isenção de impostos para salários de pastores". Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/governo-amplia-isencao-de-impostos-para-salarios-de-pastores/>. Acesso em: 29 jun. 2023.



separadas. Esses depoimentos indicam um desalinhamento entre as lideranças religiosas, que apoiaram fortemente Bolsonaro, e seus fiéis, que nem sempre compartilhavam das mesmas prioridades ou visões.

Por fim, analisaremos as críticas dos evangélicos à política armamentista de Bolsonaro e à sua conduta pessoal. Apesar de o bolsonarismo ter mobilizado parte dos fiéis em torno de uma agenda conservadora, questões como a defesa do armamento e comportamentos considerados anticristãos pelo presidente suscitaram desaprovação. Esses pontos de divergência sugerem que o apoio dos evangélicos a Bolsonaro, embora significativo, não foi isento de críticas e foi, em muitos casos, uma escolha pragmática diante das alternativas disponíveis. Todos esses aspectos podem ser conferidos com maior profundidade a seguir.

4.1 O contexto das eleições de 2022: a economia na visão dos fiéis

É preciso considerar que as eleições de 2022 no Brasil foram profundamente marcadas pelo contexto de crise econômica e social oriunda da pandemia de Covid-19, que além de ter gerado aproximadamente 700 mil mortos no país,¹⁰ interrompeu atividades de trabalho e alterou significativamente a renda das famílias brasileiras. Nessa conjuntura, a questão econômica gerou efeitos também no quadro político. Um dos elementos mais percebidos ao longo da campanha e captados pelos grupos focais foi a situação de vulnerabilidade social que atingia a população mais pobre do país. Essa situação foi especialmente marcante antes do início efetivo da campanha, no mês de julho¹¹.

Nesse sentido, os entrevistados avaliavam o país passando por uma situação econômica difícil, o que se refletia nas suas próprias condições de vida. A inflação, o crescimento da pobreza, a dificuldade em se conseguir emprego e o grande esforço para dar conta da vida material eram elementos que apareciam em vários depoimentos, tanto entre eleitores inclinados a votar em Bolsonaro, quanto entre os que pretendiam votar em Lula ou estavam indecisos. A grande diferença entre os discursos dos fiéis, nesse ponto, não era sobre a avaliação do momento, e sim sobre a responsabilidade do governo Bolsonaro sobre a crise que o Brasil atravessava. Ou seja, enquanto uma parcela de entrevistados apontava o governo Bolsonaro como sendo responsável pela situação econômica, outra parcela via o ex-presidente tentando trabalhar para que as coisas melhorassem, em meio a uma série de acontecimentos que não poderia controlar, como a pandemia, a guerra na Ucrânia e a perseguição da oposição.

¹⁰ De acordo com dados do Ministério da Saúde, do início da pandemia, em março de 2020, até o final de 2022 foram registrados 693.853 óbitos por Covid-19. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 10 ago. 2024.

¹¹ Conforme o calendário eleitoral de 2022, estabelecido pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), por meio da Resolução Nº 23.674, de 16 de dezembro de 2021, entre 20 de julho e 5 de agosto de 2022, deveriam ser realizadas as convenções partidárias para deliberar sobre coligações e escolher candidatas e candidatos à presidência da República e aos demais postos. A realização de comícios, distribuição de material gráfico, caminhadas ou propagandas na internet foi permitida a partir do dia 16 de agosto. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/legislacao/compilada/res/2021/resolucao-no-23-674-de-16-de-dezembro-de-2021>. Acesso em: 10 ago. 2024.



A vida está difícil, inflação. Gangorra do governo, uma hora está bem e outra está mal. A pandemia piorou. A família é nosso apoio nesse nosso período ruim, e meus laços familiares foram fortalecidos. Mas temos muito o que trabalhar, o governo tem muito o que melhorar (Wallace, 25 anos, Igreja Assembleia de Deus, Manaus (AM) – Julho de 2022).

No meu ponto de vista, o Brasil está na pior. Devido ao que vem acontecendo no mundo, mas também na nossa política, isso tudo está impactando no Brasil. Em 2019, você ia no mercado e as coisas não eram tão caras. Eu sobrevivia com pouco. Depois, eu comecei a ganhar melhor, achei que ia chegar minha vez, mas foi tudo ficando cada vez mais caro. Isso impacta demais na vida da gente. Eu falo: "vou ali comprar uma moto", e não consigo (Matheus, 28 anos, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Goiânia (GO) – Julho de 2022).

A expectativa de mudança era da maioria, e todo mundo que votou se decepcionou. Cesta básica cara. [Para] quem é pai de família, foi bastante difícil. Mesmo eu que trabalho, imagina quem está desempregado. Contas lá em cima, muita dificuldade: segurança, transporte, gasolina, combustível, estou quase indo a pé (Rodrigo, 43 anos, Igreja Batista, Aracaju (SE) – Julho de 2022).

Essa descrição, ao longo dos meses de agosto a outubro, passou por mudanças, com os entrevistados amenizando as críticas ao governo e a avaliação sobre a situação econômica brasileira. Importante considerar, nesse sentido, que uma série de medidas governamentais para o aquecimento da economia foi realizada nos meses que antecederam a eleição. Podemos citar a inclusão de beneficiários no auxílio Brasil¹² e no Auxílio Gás,¹³ a concessão de crédito consignado via bancos públicos para beneficiários do Auxílio Brasil e do BPC¹⁴ e benefícios específicos para caminhoneiros e taxistas.¹⁵ Especificamente, a questão do Auxílio Brasil foi captada pelos grupos: “Bolsonaro aumentou o valor do auxílio. Não só mudou de nome, mas melhorou o valor também. Claro que ainda é muito pouco, mas é algo que ajuda” (Eliomar, 40 anos, Igreja Assembleia de Deus, Rio de Janeiro (RJ) – Agosto de 2022).

4.2 A forte oposição à politização das igrejas

A campanha de 2022 no interior das igrejas, além de começar mais cedo do que em anos anteriores, já a partir do mês de março, foi levada em um nível de intensidade também inédito no país (Valle, 2023). Essa mudança temporal, quantitativa e qualitativa, foi sentida e gerou, ao longo

¹² UOL. Auxílio Brasil: governo inclui 500 mil famílias antes do 2º turno. Publicado em 04/10/22 Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/10/04/auxilio-brasil-anuncio-caixa-governo-bolsonaro-segundo-turno.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 10 ago. 2024.

¹³ RODRIGUES, Douglas. Governo coloca mais 200 mil famílias para receber Auxílio Gás. In: Poder 360. Publicado em 04/10/22. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poder-economia/economia/governo-coloca-mais-200-mil-familias-para-receber-auxilio-gas/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

¹⁴ AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. Entra em vigor lei que amplia consignado e libera operação para beneficiários do Auxílio Brasil. Publicado em 04/08/2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/901501-entra-em-vigor-lei-que-amplia-consignado-e-libera-operacao-para-beneficiarios-do-auxilio-brasil/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

¹⁵ SATTIE, Ana. Auxílios taxista e caminhoneiro de Bolsonaro pagaram R\$ 2 bi indevidamente. In Portal Uol. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2023/06/02/auxiliros-taxista-e-caminhoneiro-de-bolsonaro-pagaram-r-2-bi-indevidamente.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 10 ago. 2024.



do tempo, conforme as entrevistas apontam, uma grande oposição entre os fiéis. Os trechos a seguir mostram essa leitura:

Eu acho que igreja não tem que se manifestar em política. Deus não foi feito para isso. Eu acho que a gente está no mundo para viver as coisas que foram ditas pela Bíblia (Vanessa, 35 anos, Igreja Deus é Amor, Porto Alegre (RS) – Setembro de 2022).

Política, a meu ver, tem muita sujeira, coisas que para nós não é o certo. Quando entram essas pessoas na política é para quê? Você tem o livre arbítrio de entrar, mas sai da Igreja, porque lá vai ter coisas desonestas. Tu escolhe, não queira ser uma pessoa cristã se lá tu tá fazendo ou vai fazer coisas erradas (Tatiele, 34 anos, Igreja Deus é Amor, Porto Alegre (RS) – Setembro de 2022).

Religião e política não combinam. Porque não vai atender toda a população. A pessoa para entrar para política ela não tem que ser religiosa, ela tem que entrar para atender o povo. O cristão pra mim não tá pensando em todo mundo, eu acho que eles prezam mais para sua religião, para sua igreja (Tiago, 36 anos, Igreja Nova Canaã, Rio de Janeiro (RJ) – Agosto de 2022).

Todo o mundo tem que receber ajuda espiritual, independentemente de quem votar. Eu tenho que ser bem aceita, eu estou indo buscar Deus, não para quem eu vou votar (Marcela, 30 anos, Igreja Mundial do Poder de Deus, São Paulo (SP) – Agosto de 2022).

Na igreja, a gente tem que orientação, fé. Porque nem todo mundo tem a mesma ideia. E ninguém quer que induza a falar ou fazer algo. Mas tem. Na igreja, a gente busca paz, orientação, palavra de fé. E não é legal discutir política. É aquilo, política, religião e futebol têm conflito. Não tem o que fazer. Eu já vi pessoas, muitas pessoas, se sentindo pressionadas. Tem pessoas que falam que querem induzir. Eu não vi gente sair da igreja, mas já vi reclamarem. Para mim, isso não pegou, porque o pastor pode ter uma opinião diferente e eu tenho a minha (Thiago, 33 anos, Igreja Batista, Aracajú (SE) – Setembro de 2022).

O desacordo com o uso dos espaços de culto para discussões eleitorais revela um desalinhamento entre fiéis e líderes religiosos, mas isso não significa necessariamente que os fiéis votem de maneira diferente da indicação de suas igrejas. Da mesma forma, quando o voto de um fiel está alinhado com a recomendação do pastor ou da igreja, isso não implica que tenha sido influenciado diretamente por essa recomendação ou pelos argumentos apresentados pela liderança religiosa. Os tópicos a seguir ilustram algumas das questões em que os fiéis expressaram divergências em relação à agenda política de Bolsonaro, mesmo que essa agenda tenha sido apoiada sem críticas pelos líderes religiosos.

4.3 Desacordos com a agenda bolsonarista: política armamentista, educação e meio ambiente

Além das críticas à politização das igrejas, os fiéis nos grupos focais expressaram diversas insatisfações com a gestão Bolsonaro, especialmente em relação às políticas de armamento, educação e meio ambiente. No que diz respeito à flexibilização das regras para a aquisição de armas e munições, a retórica de exaltação do armamento como solução para a segurança pública foi particularmente mal-recebida. Para muitos, a defesa exacerbada das armas



era vista como uma política distante dos valores cristãos e pouco eficaz para lidar com os desafios de segurança enfrentados pela população.

Outro ponto de discordância notável emergiu nas discussões sobre educação. Enquanto o bolsonarismo construía uma narrativa de que as escolas estariam sendo tomadas por ideologias “esquerdistas que corrompem os valores familiares”, os participantes do grupo focal não endossavam essa visão. Pelo contrário, eles expressaram uma confiança nos professores e na escola como um espaço essencial para o aprendizado e o desenvolvimento dos jovens, sem aderir ao discurso de perseguição ideológica promovido por Bolsonaro.

No campo ambiental, as diferenças foram igualmente marcantes. Enquanto a gestão Bolsonaro e seus aliados frequentemente apresentavam a pauta ambiental como uma agenda imposta por potências estrangeiras e de “natureza esquerdista”, os evangélicos – especialmente aqueles residentes na região Norte – mantinham uma perspectiva distinta. Para esses grupos, a preservação do meio ambiente era considerada uma responsabilidade importante, intrinsecamente ligada ao bem-estar econômico e à justiça social. A ideia de que a defesa ambiental e o desenvolvimento econômico deveriam ser mutuamente excludentes não ressoou entre os participantes, que sugeriram um enfoque mais equilibrado, capaz de conciliar o crescimento econômico com a proteção dos recursos naturais.

Os depoimentos que seguem, agrupados em torno dos temas de educação e meio ambiente, ilustram essas divergências entre o eleitorado evangélico e o discurso bolsonarista.

4.4 Política armamentista

Eu acho que tem várias formas de proteger. Na minha casa, tem câmera, tem pitbull. Eu vou ter arma para quê? Eu iria acabar com minha vida, é algo que é um trauma. E, Deus o livre, na minha casa, meu filho pega a arma. Eu acho desnecessário as pessoas terem arma (Mauro, 41 anos, Igreja Assembleia de Deus, Manaus (AM) – Julho de 2022).

Eu sou contra as armas. O mundo já está tão agressivo. Uma discussãozinha que tiver pode... eu tenho medo! (Valdelice, 55 anos, Igreja Batista, São Paulo (SP) – Julho de 2022).

Eu não sou a favor do porte de armas. Tem muitas pessoas com problemas psicológicos, com estresse, e isso é um problema. Você vê no trânsito o que acontece. Se no trânsito de manhã cedo, você vê esse tipo de coisa, gente que briga, que persegue outros. Imagina com armas (Allan, 28 anos, Igreja Jesus Cristo dos Últimos Dias, São Paulo (SP) – Agosto de 2022).

Nós, que somos de bem, não precisamos de arma. E isso deixa perigoso para gente. Uma discussão de gente armada e eu, que não tenho nada a ver com a história, posso ser baleada (Alessandra, 33 anos, Igreja Batista, Manaus (AM) – Julho de 2022).

Desde o início, o presidente fala dessa questão. Eu respeito a opinião de todo mundo, mas eu não concordava. Eu acho que eu não vou ter a atitude de reagir. A minha visão: quando ele queria aprovar isso, eu não concordava. Eu acho que quem teria esse porte é quem tem dinheiro. Eu, que recebo um salário, não ia ter condição de comprar, de fazer curso. Por isso, também, que eu não concordava. Eu acredito que iria aumentar mais a violência ainda (Luan, 25 anos, Igreja Assembleia de Deus, Rio de Janeiro (RJ) – Setembro de 2022).



13 VALLE; SOLANO

Na igreja da paz, as pessoas não concordam que o cristão vai agir com violência. Nós cremos que quem nos protege é o Senhor, e temos que usar a Bíblia ao nosso lado (Lia, 25 anos, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Manaus (AM) – Julho de 2022).

Particularmente, nossa igreja não permite. A arma do cristão é a Bíblia. Como o caboclo vai pregar a bondade, entregar a outra face e andar armado? Então, a arma do cristão é a Bíblia. A gente tem até amigos policiais da igreja, e a maioria trabalha na parte interna, na parte de trás. E você fala com ele, diz que é um cidadão como qualquer outro. O cidadão tem que estar muito bem preparado para andar armado, porque quem pode tirar a vida do outro é só um, que é Deus (Araújo, 47 anos, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Goiânia (GO) – Setembro de 2022).

O mundo entraria na fase olho por olho e dente por dente. Na nossa igreja, nós não pregamos armamento, e os pastores não podem estar armados. Se a gente tem que amar o próximo, como a gente vai matar o próximo? Não faz sentido. Mesmo se alguém te roubar, a gente não pode tirar a vida dele. Você não deve julgar, você não sabe a vida dele, o histórico, quem deve julgar, quem deve julgar é Deus (Matheus, 28 anos, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Goiânia (GO) – Setembro de 2022).

Minha igreja segue a doutrina de “não matarás”. Acredito que minha doutrina não apoia muito. Se eu for estar matando, eu vou estar pecando. Na minha cabeça, se eu tiver uma arma, eu não vou usar para perder o que conquistei (Luan, 25 anos, Igreja Assembleia de Deus, Aracaju (SE) – Setembro de 2022).

Em relação à temática do porte de armas pela população e do seu uso como parte de uma política pública de segurança, é importante considerar que as igrejas evangélicas, no início dos anos 2000, estiveram mobilizadas em torno de campanhas contra armas, se engajando, inclusive, durante a discussão em torno do referendo sobre o Estatuto do Desarmamento, em 2005, ainda no primeiro governo Lula (PT). O entendimento desses religiosos era de que a doutrina cristã seria contrária ao uso de armas e à violência (Conrado, 2006).

Foi durante os anos de governo Bolsonaro que assistimos a postura de alguns pastores, principalmente nas pequenas igrejas e nas redes sociais, utilizando a Bíblia para defender o porte de armas e a autodefesa do cidadão como forma de conter a criminalidade. Esse discurso, entretanto, não foi reproduzido pelos pastores das principais igrejas do país.¹⁶ Esses, por outro lado, também não criticaram a postura explícita de Bolsonaro a favor das armas.

Ainda que essa mudança entre os pastores e igrejas tenha ocorrido, os discursos coletados mostram que o histórico da atuação das igrejas contrário ao porte de armas encontrava-se sedimentado entre os fiéis, fazendo com que esse fosse um dos pontos centrais do desacordo entre fiéis evangélicos e o bolsonarismo.

4.5 Educação e a pauta da ideologia nas escolas

O discurso bolsonarista sobre a educação tem se centrado na ideia de que as escolas, especialmente aquelas influenciadas pelo pensamento de pensadores como Paulo Freire, criador da chamada pedagogia crítica, funcionariam como espaços de doutrinação ideológica,

¹⁶ Não assistimos, por exemplo, nomes de pastores presidentes de ministérios das Assembleias de Deus, tampouco de igrejas como Universal, Renascer, Quadrangular, Congregação Cristã do Brasil, Deus é Amor, para citar algumas das grandes igrejas do país.



14 VALLE; SOLANO

impregnando os alunos com uma visão de mundo “esquerdista”. Nessa narrativa, também, enfatiza-se que questões de gênero e sexualidade estariam sendo introduzidas de maneira inadequada para crianças, o que seria contrário aos valores defendidos pelas famílias tradicionais. No entanto, essa percepção não encontrou eco entre os fiéis nos grupos focais, como veremos a seguir:

No meu modo de ver, depende de professor para professor. Na área de filosofia, o professor tem que ser neutro. Mas, se você é bem educado dentro de casa, é muito difícil você cair numa coisa assim. Se o professor falou alguma merda, você tem o direito de manter seu ponto de vista. Política e religião a gente não tem que botar em xeque, impor a minha visão. A gente tem que ter livre arbítrio, que é o que Deus deu para a gente (Araújo, 47 anos, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Goiânia (GO) – Setembro de 2022).

Minha mãe dizia que entra por um ouvido e sai por outro. A gente não tem que levar a sério tudo o que as pessoas falam. Meus filhos vão para escola e não vão virar isso ou aquilo, porque alguém falou ou um amigo fez. Você não vai usar droga porque um amigo usa droga. Se tem uma boa educação, é assim (Matheus, 28 anos, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Goiânia (GO) – Setembro de 2022).

Eles querem botar esse argumento, mas isso não existe. Eu já trabalhei numa escola pública, minha irmã trabalha em uma escola pública. Não tem isso. O que eles querem é acabar com a escola pública. Querem botar um argumento para acabar. E como a gente vai poder competir com quem dá valor para o estudo, para leitura? Tem professor que apoiou isso, só que é só colocar uma máquina para passar o conteúdo, e aí o que o professor faz? Vai ficar desempregado (Jersiano, 35 anos, Igreja Assembleia de Deus, Rio de Janeiro (RJ) – Agosto de 2022).

Eu acho que é uma *fake news* isso. Jamais um professor vai falar essas coisas para crianças. Porque criança é criança. Elas não sabem isso de política, de LGBT (Tiago, 36 anos, Igreja Nova Canaã, Rio de Janeiro (RJ) – Setembro de 2022).

Não tem nada a ver isso daí. Não tem como você doutrinar o ser humano na escola. O que vai determinar o ser humano é a família, é o que ele vai observar em casa. Se a gente vai fazer um curso de algo, de eletrônica, por exemplo, aí você gosta da área. Quem gosta está um passo à frente, então a gente só vai aprimorar, certo? Aí voltando para escola: os professores vão dar os assuntos, mas os alunos têm que estar motivados para aprenderem. A família tem que dar uma estrutura. Se o professor quiser doutrinar, ele não vai conseguir, ele não tem esse poder. O professor no Brasil é professor por paixão, porque ele não é valorizado (Vicente, 33 anos, Igreja Videira, Aracaju (SE) – Setembro de 2022).

As pautas que hoje já estão dentro das escolas, indiferente se são particular ou pública, são: LGBT, ideologia de gênero, linguagem neutra, pautas coletivistas. Feminismo me dá arrepião, porque eu acho que defende tudo, menos as mulheres. É um movimento diabólico, que faz uma lavagem cerebral. Todos esses movimentos coletivistas, a base é que você pode tudo, você faz o que quiser fazer, mas desde que você esteja dentro das minhas regras. Quando sua escolha está fora da bolha deles, você vira a pior das criaturas (Cristina, 39 anos, Igreja Casa da Rocha, São Paulo (SP) – Setembro de 2022).

Conforme os trechos assinalados, podemos conferir que, de maneira geral, os participantes dos grupos focais não endossam a narrativa de que as escolas brasileiras estão ativamente doutrinando os alunos em uma ideologia “esquerdista” ou promovendo uma agenda de gênero de forma indevida. Para muitos, como expressa Araújo, por exemplo, a educação familiar é



vista como a principal influência na formação dos valores dos jovens, e, assim, qualquer tentativa de doutrinação por parte de um professor seria ineficaz.

De fato, para vários participantes, a figura do professor é retratada como alguém comprometido com o ensino de qualidade e não com a promoção de agendas políticas ou sociais específicas. Leandro e Vicente, por exemplo, destacam a paixão dos professores pela educação e a impossibilidade de doutrinação nas escolas, enfatizando que os alunos só aprendem aquilo que a família e o ambiente social já predispõem. Em contraste, porém, encontramos vozes como a de Cristina, que enxergam nas escolas uma presença dessas pautas "coletivistas", inclusive expressando crítica ao feminismo, que ela classifica como um movimento de "lavagem cerebral." Ainda assim, há uma clara predominância do discurso que valoriza a escola e se afasta da visão bolsonarista da existência de uma escola doutrinadora.

4.6 Meio ambiente e a negação das mudanças climáticas

O bolsonarismo é marcado por uma postura célica em relação às mudanças climáticas e por uma visão que nega a necessidade de políticas ambientais rigorosas para mitigar seus efeitos. A retórica predominante durante o governo de Bolsonaro era a de enfatizar a preservação ambiental como um obstáculo ao desenvolvimento econômico, minimizando a importância de ações para proteger biomas como a Amazônia (Fearnside, 2019; Araújo B. Campos, 2022). No entanto, conforme demonstram os trechos dos grupos focais, essa postura não foi amplamente acolhida entre os fiéis evangélicos. Os trechos a seguir ilustram essa leitura:

Eu acho que o cristão tem que ser a favor do meio ambiente. Que é qualidade de vida. Eu acho que esse tema está bem atrasado no governo, não vejo esse cuidado (Laís, 33 anos, Igreja Batista, São Paulo (SP) – Agosto de 2022).

Acho que tudo deve ser feito com sabedoria e ordem. Se tudo é criação de Deus, a gente deve preservar. Na nossa igreja, a gente tem uma doutrina de Palavra de Sabedoria. É uma lei de saúde que seguimos. Acho que meio ambiente deveria ser ligado à vida e não a nenhuma religião específica (Allef, 28 anos, Igreja Jesus Cristo dos Últimos Dias, São Paulo (SP) – Agosto de 2022).

O meio ambiente é o ar que nós vivemos. Se a gente não defender, se a gente não cuidar dele... Essa novela está mostrando isso. O que que vai ser? Hoje em dia, nosso ar não é a mesma coisa. Imagina o que vai ser da gente. Falta mais incentivo do governo e dos meios de comunicação sobre isso. E isso faz parte das escolas também (Tatiele, 34 anos, Igreja Deus é Amor, Porto Alegre (RS) – Setembro de 2022).

Acho que o governo Bolsonaro está "cagando e andando" para a Amazônia. Nego entrou e roubou muito lá. E a gente deveria se preocupar porque lá é nossa riqueza também. Tem muita coisa lá, tem os índios. A igreja deveria se manifestar. Elas não chegam a falar muito, mas deveriam falar mais (Leandro, 29 anos, Igreja Assembleia de Deus, Rio de Janeiro (RJ) – Setembro de 2022).

Conforme assinalado, os participantes, de forma geral, expressaram uma visão de cuidado e preservação com o meio ambiente, muitas vezes vinculada à noção cristã de que a natureza é uma criação divina que deve ser protegida. Laís, por exemplo, vê no cuidado com o meio ambiente uma questão de qualidade de vida, e critica o atraso do governo em lidar com essa pauta. Allef,



por sua vez, destaca que a preservação do meio ambiente deve ser conduzida com sabedoria, sem estar necessariamente ligada a questões religiosas, mas sim à responsabilidade de cuidar do que é criação de Deus. A visão de Tatiele reforça essa preocupação, ao apontar que o meio ambiente é essencial para a vida e deveria ser tratado com mais seriedade, tanto pelo governo quanto pelas escolas e os meios de comunicação.

Além disso, críticas diretas à postura governamental são evidentes em falas como a de Leandro, que afirma que o governo Bolsonaro tem negligenciado a Amazônia, permitindo a exploração ilegal da floresta, o que ameaça não apenas a biodiversidade, mas também os povos indígenas. Para ele, a igreja deveria se posicionar mais ativamente em defesa dessa causa, que considera parte da riqueza nacional. Essas falas revelam uma sensibilidade entre os fiéis em relação à questão ambiental, desafiando a ideia de que essa pauta seria exclusiva de uma agenda progressista ou de interesses estrangeiros.

4.7 Oscilação e voto no “menos pior”

Apesar das críticas e dos desacordos em relação a figura de Bolsonaro e a parte de sua agenda, muitos desses posicionamentos não implicavam automaticamente na rejeição dos fiéis ao voto em Bolsonaro. A princípio, essa constatação poderia ser vista como uma contradição dos pesquisados. No entanto, é preciso ter em mente que a democracia não é um sistema que o eleitor encontra o candidato que se encaixa perfeitamente em seus valores, e sim o sistema que permite, entre possibilidades limitadas, a escolha daquele candidato que mais se adequa às suas preferências. Muitas vezes, essa escolha se dá, inclusive, a partir de um cálculo que leva em conta quem o eleitor menos rejeita.

Nesse sentido, as entrevistas realizadas permitem dizer que a votação em Bolsonaro se deu em um contexto em que os evangélicos oscilaram sua preferência e optaram por Bolsonaro ao final da campanha por considerá-lo menos distante das suas preferências do que Lula. Os trechos a seguir ilustram que havia um sentimento de que, “apesar de tudo”, Bolsonaro seria um candidato “menos pior” do que Lula e o PT.

Lula se envolveu muito em corrupção, isso deixa a gente balançado (Conrado, 34 anos, igreja não determinada, São Paulo (SP) - Setembro de 2022).

Lula é a favor do movimento LGBT. O Lula está se mostrando do povo e que tem que aceitar o que está no meio do povo. Lula dá a entender que é a favor da legalização das drogas (Elisangela, 28 anos, igreja não determinada, São Paulo (SP) - Setembro de 2022).

Na época que eu comecei a perceber que o povo estava com dificuldades, que os preços estavam aumentando, eu achei que o Bolsonaro não estava vendendo. Eu vi e pensei: “que isso, aonde vamos chegar?”. Eu pensei que, na época do Lula, a alimentação estava melhor. E eu pensei: “será que eu vou ter que dar oportunidade para o Lula de novo?”. Aí eu pensei isso de novo e acho que não vai passar uma borracha e está tudo certo em relação à corrupção. Aí, eu comecei a pensar que é melhor continuar com Bolsonaro, que ele é honesto, é sério, combate a corrupção, tem várias obras sendo feitas. Ontem no SBT, o Ratinho [Carlos Roberto Massa, apresentador] falou que ia mostrar tudo o que Bolsonaro está fazendo, que outras obras não mostram. E aí eu vi. O



exército está fazendo. Aí eu balancei tudo e devo votar no Bolsonaro (Elias, igreja não determinada, São Paulo (SP) - Setembro de 2022).

Eu não acompanho, mas acredito que a família dele [Lula] é tudo desordenada. As histórias que a gente ouve dos filhos, das lavagens de dinheiro. Por isso, a gente já vê que é tudo atrapalhado. Nele não dá para confiar (Valdelice, 55 anos, Igreja Batista, São Paulo).

O filho do Bolsonaro está milionário. Falou que a gasolina pode chegar a vinte reais. Não sei se você já viu esse vídeo dele. Ele só pensa nele. Mas o Lula também não gosto, menos ainda. Ele acha que ladrão é vítima da sociedade. Ele é bandido e quer liberar bandido. Foi um pobre convidado para o casamento do Lula? Ele foi morar numa mansão, o pai dos pobres (Carlos, 45 anos, Igreja Universal do Reino de Deus, Rio de Janeiro (RJ) – Setembro de 2022).

Eu tenho asco desse homem [Lula]. Ele parece um vizinho pedra no sapato. Não acho que a família dele tem valores. A gente pode usar uma história antiga. Uma pessoa que acusa a esposa morta de toda a trama que ele estava envolvido, ela não tem valor. Só por esse fato já mostra o que ele é (Cristina, 39 Igreja Casa da Rocha, São Paulo (SP), setembro de 2022).

Considerações finais

A análise dos dados dos grupos focais revela nuances importantes sobre o comportamento eleitoral dos evangélicos na eleição presidencial de 2022, corroborando a interpretação de que este público não pode ser considerado uma base sólida e monolítica de apoio ao bolsonarismo. Embora a votação expressiva em Bolsonaro sugira uma adesão em massa ao político, os depoimentos colhidos indicam que, por trás desse apoio aparente, há uma série de divergências e críticas que revelam uma agência significativa por parte dos eleitores evangélicos.

Primeiramente, os dados apontaram que a crise econômica e social desencadeada pela pandemia de Covid-19 foi um fator determinante na forma como os evangélicos avaliaram o governo Bolsonaro. A percepção de que o país enfrentava dificuldades econômicas era praticamente unânime entre os entrevistados no início da campanha, principalmente no mês de julho. O que dividia a percepção dos entrevistados foi a consideração pela responsabilidade do governo federal com relação à crise econômica: enquanto alguns culpavam diretamente o presidente pela situação do país, outros viam nele um líder que estava tentando lidar com problemas fora de seu controle.

A forte oposição à politização das igrejas evidenciada nos grupos focais foi outro indicativo de que o apoio evangélico a Bolsonaro não pode ser interpretado como uma simples transferência de influência dos líderes religiosos para seus fiéis. Muitos participantes expressaram desconforto com o envolvimento das igrejas na campanha política, defendendo a separação entre religião e política. Este desalinhamento entre as lideranças religiosas das grandes igrejas, que apoiaram Bolsonaro de forma quase unânime, e os fiéis, que manifestaram reservas quanto à instrumentalização política da fé, sugere que o voto evangélico em Bolsonaro não foi uma mera obediência às orientações pastorais, mas uma escolha que considerou também outros fatores.



A crítica à política armamentista e à conduta pessoal de Bolsonaro, apontada por diversos participantes dos grupos focais analisados, reforça a ideia de que o apoio evangélico ao presidente foi, em grande parte, contextual e crítico. Embora muitos eleitores evangélicos compartilhassem da agenda conservadora promovida por Bolsonaro, eles não estavam dispostos a aceitar todos os aspectos dessa agenda sem questionamentos. A defesa do armamento e as atitudes de Bolsonaro consideradas incompatíveis com valores cristãos foram fontes de desconforto para muitos, o que mostra que o apoio a Bolsonaro não foi absoluto.

Por fim, o fenômeno da "votação no menos pior" foi uma constante nas discussões dos grupos focais, sugerindo que muitos evangélicos votaram em Bolsonaro não por uma identificação plena com suas políticas ou com sua personalidade, mas por considerá-lo uma opção menos distante de suas preferências em comparação a Lula e ao PT. Esse pragmatismo eleitoral indica que o voto evangélico em Bolsonaro foi motivado por uma combinação de fatores contextuais, incluindo a rejeição ao lulismo, a percepção de ameaça aos valores religiosos e a avaliação das condições econômicas, mais do que por uma adesão incondicional ao bolsonarismo.

Em suma, os dados analisados corroboram a hipótese de que o público evangélico não corresponde a uma base fiel e homogênea do bolsonarismo. O apoio expressivo a Bolsonaro em 2022 esconde uma série de discordâncias, reservas e agência por parte dos eleitores evangélicos, que exerceram seu voto de forma crítica e contextualizada. Este segmento não deve ser visto como um bloco monolítico, mas como um eleitorado complexo e dinâmico, cuja lealdade política pode ser disputada por diferentes campos ideológicos em futuras eleições, dependendo das circunstâncias e do contexto político.

Referências

- ALMEIDA, Ronaldo. A onda quebrada: evangélicos e conservadorismo. **Cadernos Pagu**, n. 50, p. e175001, 2017.
- ALVES, José Eustáquio Diniz. O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro. **Ecodebate** [online], 2018. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2018/10/31/o-voto-evangelico-garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- ARAÚJO, Bruno; CAMPOS, Fernanda Safira Soares. Populismo autoritário e meio ambiente no Brasil: enquadramentos do discurso antiambiental de Jair Bolsonaro em editoriais nacionais e internacionais. **Media & Jornalismo**, v. 22, n. 40, p. 141-159, 2022.
- BOHN, Simone R. Contexto político-eleitoral, minorias religiosas e voto em pleitos presidenciais (2002-2006). **Opinião Pública**, v. 13, p. 366-387, 2007.
- BOHN, Simone R. Evangélicos no Brasil: perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. **Opinião Pública**, v. 10, n. 2, p. 288-338, 2004.



BURITY, Joanildo. Religião, voto e instituições políticas: notas sobre os evangélicos nas eleições 2002. In: BURITY, Joanildo; MACHADO, Maria das Dores Campos (orgs.), **Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil**. Recife, Massangana. 2006.

CONRADO, Flávio Cesar. Quem crê em Cristo, diz sim à vida? As igrejas e o desarmamento. **Comunicações do ISER**, n. 62, 2006.

DOS SANTOS JUNIOR, Paulo Jonas. Notas sobre o posicionamento evangélico na eleição presidencial de 2022. **Revista Transformar**, v. 16, n. 2, p. 57-71, 2022.

ESTADÃO. "Novas universidades ensinam sexo sem limites", disse ministro da Educação em 2018. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/educacao/novas-universidades-ensinam-sexo-sem-limites-disse-ministro-da-educacao-em-2018/>. Acesso em: 29 jun. 2023.

FEARNSIDE, Philip Martin. Retrocessos sob o Presidente Bolsonaro: um desafio à sustentabilidade na Amazônia. **Sustentabilidade International Science Journal**, v. 1, n. 1, p. 38-52, 2019.

FOLHA DE S.PAULO. Entenda o caso Milton Ribeiro: os áudios e as suspeitas de interferência de Bolsonaro. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/entenda-o-caso-milton-ribeiro-os-audios-e-as-suspeitas-de-interferencia-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 29 jun. 2023.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, v. 12, n. 24, Ribeirão Preto, p. 149-161, 2002.

MORGAN, David. Focus group as qualitative research. **Qualitative Research Methods Series**, 16. London: Sage Publications, 1997.

PIERUCCI, Antonio Flávio Oliveira. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na constituinte. **Ciências Sociais Hoje**, v. 11, p. 104-132, 1989.

PIERUCCI, Antonio Flávio Oliveira; MARIANO, Ricardo Oliveira. Envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor. **Novos Estudos - CEBRAP**, n. 34, p. 92-106, 1992.

PIERUCCI, Antonio Flávio Oliveira; PRANDI, José Roberto. Religiões e voto: a eleição presidencial de 1994. **Opinião Pública**, v. 3, n. 1, p. 20-43, 1995.

PODER360. Governo amplia isenção de impostos para salários de pastores. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/governo-amplia-isencao-de-impostos-para-salarios-de-pastores/>. Acesso em: 29 jun. 2023.

ROCHA, Camila; SOLANO, Esther; MEDEIROS, Jonas. Bolsonaro Paradox. **Springer International Publishing**, 2021.

ROCHA, Camila (Org.); SOLANO, Esther (Org.). **As direitas nas redes e nas ruas**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

ROSAS, Nina. Notas sobre evangélicos, política e gênero a partir das eleições de 2022. **Debates do NER**, p. 65-82, 2023.

SOLANO, Esther. A evolução do Bolsonarismo: análise qualitativa da percepção deste eleitorado em 2019 e 2020. **Journal of democracy em português**, v. 1, p. 50-80, 2021.



20 VALLE; SOLANO

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes; BARBOSA, Olivia Alves. A mulher e a família: agendas pentecostais na disputa pela gramática dos Direitos Humanos. **SynTesis**, v. 15, n. 1, p. 89-105, 2022.

VALLE, Vinicius Saragiotti Magalhães. **Entre a religião e o lulismo: um estudo com pentecostais em São Paulo**. São Paulo: Recriar, 2019.

VALLE, Vinicius Saragiotti Magalhães. Eleições de 2022 e aproximações entre identidade religiosa e identidade política brasileira: hipóteses e considerações. **Revista Protesta y Carisma**, v. 3, n. 5, 2023.

VALOR ECONÔMICO. **Em aceno a evangélicos, governo avalia perdoar R\$ 14 bi em dívidas de igrejas.** Disponível em:

<https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/03/17/em-aceno-a-evangelicos-governo-avalia-perdoar-r-14-bi-em-divididas-de-igrejas.ghtml>. Acesso em: 29 jun. 2023.

VEIGA, Luciana; GONDIM, Sônia Maria Guedes. A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político. **Opinião Pública**, v. 7, n. 1, p. 1-15, 2001.



EVANGÉLICOS NAS ELEIÇÕES NACIONAIS DE 2022: UM PÚBLICO EM DISPUTA

Resumo: Este artigo apresenta uma análise do público evangélico brasileiro durante a campanha eleitoral e as eleições presidenciais de 2022 no Brasil. A investigação se baseia no resultado de um conjunto de grupos focais, realizados em momentos distintos da corrida eleitoral do ano mencionado. Procuramos demonstrar que a ideia de que os evangélicos constituem um público ideologicamente coeso e alinhado ao ex-presidente Jair Messias Bolsonaro não se sustenta. Ao contrário, mostramos que, apesar do índice de votação elevado do ex-presidente no segmento, houve profunda resistência de evangélicos em depositar o voto em Bolsonaro, oriunda de desacordos a respeito de determinadas pautas, bem como de resistência à postura pessoal de Bolsonaro. Os resultados encontrados indicam que, ao contrário de corresponder a uma base sólida do bolsonarismo ou da direita, os evangélicos constituem um segmento insatisfecho com as opções políticas ofertadas e em disputa.

Palavras-chave: Evangélicos; Eleições de 2022; Voto religioso; Bolsonarismo; Voto evangélico.

EVANGÉLICOS EN LAS ELECCIONES BRASILEÑAS DE 2022: UN PÚBLICO EN DISPUTA

Resumen: Este artículo presenta un análisis del público evangélico brasileño durante la campaña electoral y las elecciones presidenciales de 2022 en Brasil. La investigación se basa en los resultados de una serie de grupos focales, realizados en distintos momentos de la contienda electoral de dicho año. Buscamos demostrar que la idea de que los evangélicos constituyen un público ideológicamente cohesionado y alineado con el expresidente Jair Messias Bolsonaro no se sostiene. Al contrario, mostramos que, a pesar del alto índice de votación del expresidente en este segmento, hubo una resistencia profunda de los evangélicos a votar por Bolsonaro, debido a desacuerdos sobre ciertos temas y a la resistencia a la postura personal de Bolsonaro. Los resultados encontrados indican que, lejos de corresponder a una base sólida del bolsonarismo o de la derecha, los evangélicos constituyen un segmento insatisfecho con las opciones políticas ofrecidas y que está en disputa.

Palabras claves: Evangélicos; Elecciones brasileñas; Voto religioso; Bolsonarismo; Voto evangélico.

EVANGELICALS IN THE 2022 BRAZILIAN ELECTIONS: A SEGMENT IN DISPUTE

Abstract: This article presents an analysis of the Brazilian evangelical public during the electoral campaign and the 2022 presidential elections in Brazil. The investigation is based on the results of a series of focus groups conducted at different moments of the electoral race that year. We aim to demonstrate that the idea of evangelicals as an ideologically cohesive group aligned with former president Jair Messias Bolsonaro does not hold. On the contrary, we show that, despite Bolsonaro's high voting percentage among this segment, there was significant resistance from evangelicals to voting for him, stemming from disagreements over certain issues and opposition to Bolsonaro's personal stance. The findings indicate that, far from representing a solid base for bolsonarism or the right, evangelicals are a segment dissatisfied with the political options offered and still in dispute.

Keywords: Evangelicals; Brazilian Elections; Religious Vote; Bolsonarism; Evangelical Vote.



RECEBIDO EM: 23 de outubro de 2024
APROVADO EM: 20 de março de 2025
PUBLICADO EM: 16 de setembro de 2025

SUGESTÃO DE CITAÇÃO:

VALLE, Vinicius Saragiotto Magalhães do; SOLANO, Esther. Evangélicos nas eleições nacionais de 2022: um público em disputa. **Revista Espiraes**, v. 9, 2025, e-location: e22828869111, 2025. DOI: <https://doi.org/10.29327/2282886.9.1-11>.

EDITORIA-CHEFE: Tereza Spyer e João Barros II

EDITORIA ADJUNTA: Besna Yacovenco, Marina Magalhães Moreira e Orlando Bellei Neto

EDITORIA EXECUTIVA: Marina Magalhães Moreira

REVISÃO: Cibelle Burdulis da Motta

DIAGRAMAÇÃO: Alessandra Renata de Melo Teixeira

A REVISTA ESPIRALES É APOIADA E FINANCIADA POR: